



A CRIATIVIDADE EM GEOGRAFIA FRENTE À ESPETACULARIZAÇÃO DO ESPAÇO

Anael Ribeiro Soares¹

Resumo: Propõe-se como objeto de reflexão nesse texto lançar alguns apontamentos teóricos-epistemológicos acerca do desenvolvimento e exercício da criatividade no contexto da cidade espetacularizada, submetida ao poder espetacular que tende a substituir as experiências por representações, impactando, direto ou indiretamente, no potencial criativo dos estudantes. Desse modo, a partir de autores da teoria crítica, especialmente Guy Debord, promove-se uma reflexão em torno da interface experiência urbana, criatividade e educação na sociedade do espetáculo.

Palavras-chave: Experiência urbana, criatividade, sociedade do espetáculo.

1. Introdução

O presente texto tem um caráter teórico e ensaístico, mas ao mesmo tempo encontra-se lastreado pelas experiências pedagógicas do professor-pesquisador que assume sua autoria, como também pelas contribuições teóricas e metodológicas de pesquisadores que se debruçam sobre a temática geografia, criatividade e educação. Busca-se refletir sobre a relação entre o potencial criativo dos estudantes, o contexto cotidiano no qual estão inseridos e a educação geográfica, sinalizando assim para alguns apontamentos a partir dos quais podemos exercitar reflexões importantes. Não se trata pois, como tem prevalecido nos estudos nesse campo, de uma contribuição em torno de processos criativos no processo de ensino aprendizagem através de metodologias avaliativas e de ensino, mas sim de uma reflexão de natureza teórica e epistemológica em torno da seguinte problemática: se o potencial criativo dos estudantes é tributário dos referências e do conhecimento sociocultural forjado na experiência cotidiana com a cidade, uma vez que esta tem um potencial educativo expresso nas dimensões epistemológicas do aprender na cidade e aprender da cidade (BERNET, 1997), quais elementos que caracterizam a experiência urbana contemporânea na cidade espetacularizada?

2. Objetivo

Tendo em que vista que o cotidiano é lócus de todo e qualquer processo criativo que ganha materialidade numa obra, se debruçar sobre as experiências urbanas cotidianas dos estudantes nos lugares em que vivem pode lançar luz sobre um contexto espaço-

¹ Graduado em licenciatura plena em Geografia pela Universidade Regional do Cariri (URCA), mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP), doutorando em Geografia Humana pela Universidade Regional do Ceará (UECE), professor da rede pública estadual de ensino do estado do Ceará.



temporal que pode estar condicionando à alienação espacial e, conseqüentemente, interferindo na sensibilidade e no potencial criativo dos estudantes.

3. Metodologia

Através de revisão bibliográfica, associada as experiências e resultados de estudos desenvolvidos pelo autor e pesquisadores do tema, buscamos lançar alguns apontamentos acerca das implicações da experiência urbana cotidiana na cidade espetacularizada no que tange ao exercício da criatividade nas aulas de geografia. Em vez contribuir com os resultados práticas de ensino que se valem da criatividade, o texto se propõe a ir mais a montante no sentido que compreender a fonte, o nascedouro, dos processos criativos e sua relação como espaço urbano a partir de pressupostos teóricos do campo da teoria crítica.

4. Resultados

Para Ostrower (2010) criatividade pode ser definida como a capacidade de resolver situações-problemas para as quais não se tem obtêm soluções convencionais, sendo necessário recorrer a inovação e a originalidade através da imaginação, de associações, insights, à luz de um processo criativo. Essa habilidade é tributária do contexto sociocultural, de modo que é importante refletirmos sobre o atual contexto no qual nossos estudantes estão imersos. O espetáculo submete à vida cotidiana a dominação do capital por meio da forma-mercadoria, acentuadamente fetichizada a partir do consumismo, inclusive do consumo dos lugares e das imagens em si mesmas, de modo que se opera a transição do ter para o parecer (DEBORD, 1997). Assim, mais do que a realização a partir da mercadoria na ótica do consumidor, tão importante quanto é a aparência do poder ter. “O consumismo derivado daí leva a uma ‘sobrevivência ampliada’, produzindo também a produção de pseudonecessidades para garantir esse processo de expansão da produção e do consumo.” (MEDEIROS, 2010, p.97) É através dessas pseudonecessidades criadas a partir, por exemplo, das propagandas e do marketing graças às imagens espetaculares, entre outras estratégias, que se dá a reprodução ampliada do capital atualmente. A atualidade da Sociedade do Espetáculo, obra seminal de Guy Debord (1997), reside na ideia de que o poder espetacular conduz os sujeitos à passividade de meros consumidores e espectadores, uma vez que a divisão do trabalho inerente à sociedade capitalista, a qual define a separação entre proprietários e não proprietários, trabalho intelectual e manual, favorece sobremaneira a dominação classista. Nesse sentido, argumenta Debord (2012) que

a alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto



mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. (DEBORD, 2012, p.24)

O processo pelo o qual a alienação se amplia a partir do consumo remonta o contexto posterior à segunda guerra, quando a moda, os novos meios de comunicação, a colonização do tempo livre pelo capital, a racionalidade tecnológica criaram um mundo cujos momentos da vida social acabam sendo subsumidos à lógica da mercadoria. A partir daí, o consumo torna-se vetor essencial para o regular o excedente, favorecendo a reprodução ampliada. Lefebvre (2000) antevê a emergência dessa sociedade fundamentada no consumo nesse mesmo contexto histórico. Para esse autor marxista, a sociedade do consumo produziu um cotidiano programado cujos ritmos e momentos da vida humana passaram a ser mediados pela lógica do capital, sujeitando o trabalhador a um *homo economicus* movido por pseudonecessidades. Se considerarmos que nossos jovens educandos nasceram e se desenvolvem novo contexto, inclusive diante de dispositivos digitais por meio dos quais o capital se retroalimenta nas imagens dominantes que potencializam o consumo, se faz necessário problematizar qual foi o impacto disso no ambiente escolar e no exercício da criatividade em sala, um esforço que foi empreendido, em certa medida, por Sibilia (2012), muito embora a criatividade não seja o foco do estudo desenvolvido, mas suas contribuições nos permite, no mínimo, levantar algumas hipóteses sobre isso.

Essa autora interpreta a escola coma uma instituição em crise, em descompasso com o contexto contemporâneo em que as crianças e jovens se desenvolvem desde a tenra infância ante a influência dos meios de comunicação de massa, das redes sociais e da própria internet, sendo incorporadas como alvos e nichos de mercadorias e propagandas pelas quais se tem garantido a reprodução ampliada do capital. Nas palavras dessa autora, esse descompasso se dá porque

(...) justamente essas crianças e adolescentes, que nasceram ou cresceram no novo ambiente, têm de se submeter todos os dias ao contato mais ou menos violento com os envelhecidos rigores escolares. Tais rigores alimentam as engrenagens oxidadas dessa instituição de confinamento fundada há vários séculos e que, mais ou menos fiel a sua tradições, continua a funcionar com o instrumental analógico do giz e do quadro-negro, dos regulamentos e boletins, dos horários fixos e das carteiras alinhadas, dos uniformes, da prova escrita e da lição oral. (SIBILIA, 2012, p.51)

Por isso, há tempos, se tem ouvido tanto dos educandos que cotidiano escolar não os mobiliza a criar, pelo contrário, implica em tédio e monotonia. Os educadores, por sua



vez, reclamam da dispersão dos educandos em sala de aula. Considerando que “(...) no plano do cotidiano o espetáculo remete ao sequestro da vida, impondo a esta uma paralisia asfixiante, tornando-a inerte, fazendo esvair-se sua capacidade de ação” (GONÇALVEZ, 2015, p.36), o corolário disso, tanto para autores como Lefebvre (1991), como também para Debord (2012) e Damiani (2012), é que estamos diante de um empobrecimento da experiência vivida cotidiana na medida em que as imagens espetaculares e a lógica mercadológica contida nelas ocupam os momentos de sociabilidade, mediam os encontros, esvaziam os sentidos da festa, reforçando o caráter contemplativo do capitalismo. Com repertório cultural limitado em virtude da homogeneidade que se impõe no cotidiano através do espetáculo, mesmo quando estimulados, não é raro os alunos apresentarem resistência em criar, em representar um tema geográfico e, apesar do caráter cíclico, preferem a zona de conforto do tradicionalismo. Para além do contexto escolar, o espaço urbano submetido à lógica espetacular inibe a apropriação, as práticas socioespaciais de caráter lúdico, as atividades culturais e festivas, à medida que se torna funcional ao ser dominado pelos agentes econômicos hegemônicos que atuam na produção e reprodução do espaço. Assim, como argumenta Gonçalves (2016, p.23), a cidade para ser vista, exposta, já não pode mais ser apropriada. Em outras palavras, o valor de troca se sobrepõe ao valor de uso produzindo um espaço urbano em que a aceleração limita a experiência socioespacial, em que as imagens dos outdoors, dos painéis digitais, a exposição de mercadorias em vitrines se impõe ao olhar, convertendo os sujeitos\estudantes em meros transeuntes e espectadores.

5. Conclusão

Diante da necessidade de criação de representações que possam comunicar uma temática geográfica na dinâmica da construção do conhecimento, observa-se por vezes na esteira dos processos criativos a falta de originalidade, a escassez de repertório sociocultural, o empobrecimento de vivências espaciais, acriticidade, a dificuldade de comunicação através das diversas linguagens (verbal, escrita, imagética). Essas dificuldades podem sinalizar para uma realidade extraescolar que merece ser objeto de análise, especialmente do ponto de vista da vida cotidiana nos lugares onde os estudantes socializam, pois o espaço não só reflexo das relações sociais, também intervém sobre estas (Lefebvre, 2000), intervindo no limite, inclusive, sobre o potencial criativo dos estudantes. Ribeiro (2014) tem desenvolvido nos últimos anos uma metodologia no ensino de Geografia que combina arte e criatividade, estimulando a criação de obras com



temáticas geográficas de forma crítica². Durante o processo criativo cujo ponto de partida é a pesquisa culminando na montagem e apresentação das obras expostas ao público, dentro ou fora da escola, parte significativa dos estudantes não conseguem avançar no sentido de comunicar simbolicamente de maneira crítica e criativa uma problemática de natureza geográfica. Esses estudantes não podem ser ignorados, tampouco suas dificuldades apresentadas, até mesmo porque há uma tendência de um número maior de estudantes que apresentam dificuldades com processos criativos, visto que a pandemia da Covid 19, devido as medidas sanitárias aplicadas, implicou numa privação dos espaços de sociabilidade, afetando, portanto, o repertório sociocultural acumulado no vivido. Se a cidade, ela própria, é um agente educativo, na medida em que projeta ou não espaços de sociabilidade e apreensão da cultura e da arte, cabe então problematizar a experiência urbana contemporânea em face de um processo de espetacularização das cidades e suas implicações quanto o potencial criativo dos estudantes no contexto da educação geográfica. Foi esse esforço que intentamos empreender aqui.

6. Referências

- BERNET, Jaume Trilla. Ciudades educadoras: bases conceptuales. In: ZAIKO, Maria A. S (Org). **Cidades educadoras**. Curitiba: Ed. UFPR, 1997, p. 13-34.
- DAMIANI, Luisa, Damiani. **Introdução a elementos da obra de Henri Lefebvre e a geografia**. Revista do Departamento de Geografia, São Paulo, v. esp., p. 254-283, 2012.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GONÇALVES, Glauco, Roberto. **A produção espetacular do espetáculo: as cidades como cenário na Copa de 2014**. Tese (Doutorado em Geografia Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- MEDEIROS, Caciene Souza de. **Sociedade da Imagem: A (re)produção de sentidos da mídia do espetáculo**. Santa Maria: UFSM. Tese de Doutorado em Letras – Universidade Federal de Santa Maria, UFSM/PPGL. 2010.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.,
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000).
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 25 ed. Editora Vozes.. RJ. 187p. 2010.
- RIBEIRO. Emerson. **Processos criativos em Geografia: metodologia e avaliação para a sala de aula em instalações geográficas**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

² Trata-se das instalações geográficas: “[...] uma forma de representação de um conteúdo geográfico pesquisado e trabalhado criativamente com signos e símbolos aplicados sobre materiais produzidos ou não pelo homem. Essa instalação pode ser montada na escola/universidade ou para além de seus muros atingindo uma dimensão social” (RIBEIRO, 2014, p. 19).